

QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?*

“É necessário que o drama seja estimulante”. Nestas palavras está expressa a filosofia da obra de Edward Albee, o mais conhecido dos jovens autores norte-americanos que se vêm destacando nos últimos anos. Ele acredita que “as emoções devem ser exploradas até as raias do intolerável” e os que conhecem suas peças de um ato sabem quão implacável é em suas análises das fraquezas humanas.

Agora usou os mesmos princípios numa obra mais extensa, intitulada curiosamente “Who’s Afraid of Virginia Woolf?” (Quem tem medo de Virgínia Woolf?). Por muito tempo resistiu aos esforços de admiradores bem intencionados que o incitavam a escrever uma peça mais longa. Dizia que todas suas obras, desde “Zoo Story”, a primeira e que tem uma hora de duração, até “Sandbox”, de quatorze minutos de duração, já o eram. Em sua opinião, eram todas obras extensas uma vez que a natureza de cada obra determina seu tempo de duração.

Esta opinião heterodoxa (embora lógica) encaixa-se facilmente no teatro de vanguarda ao qual Albee pertence. Como seus colegas de ambos os lados do Atlântico, pouco se apoia no argumento e prefere desenvolver suas ideias em situações fantásticas em que atuam personagens comuns que se expressam num diálogo simples e também insubstancial.

Porém, mesmo quando escolhe a comédia como arma, o resultado para o público é uma experiência emocional.

Quando se tornou pública sua intenção de aderir ao teatro convencional, criando peças de três atos, foi grande a expectativa em torno da técnica a ser adotada pelo dramaturgo, temendo-se que os recursos utilizados anteriormente em suas peças curtas não viessem a surtir os mesmos efeitos durante uma longa noite teatral.

O dramaturgo respondeu imediatamente à primeira pergunta. “Quem tem medo de Virgínia Woolf?”, explicou, “deve ser alternadamente comédia e tragédia”. E como ficou provado na noite da estreia, nestas palavras está a chave da segunda pergunta.

A incursão inicial de Albee em peças de três atos teve êxito porque combina de maneira engenhosa o humorismo turbulento e a fúria ardente, que é, ao mesmo tempo, irritante e intelectualmente estimulante.

Albee desenvolveu sua comédia do horror da verdade contra a ilusão com imensa habilidade e penetração. Seus personagens não são admiráveis, mas seu terror e angústia despertam compaixão e também hilaridade. Grande parte do diálogo é franco, mas o público chega a conhecer tão bem os personagens que as expressões cruas parecem surgir naturalmente das profundezas do desespero.

A peça estreou com extraordinário sucesso de crítica e público no dia 13 de outubro de 1962, no Teatro Billy Rose, de Nova York.

Além dos Estados Unidos, já foi montada nos seguintes países: França, Grécia, Austrália, Nova Zelândia, Turquia, Chile, Argentina, Uruguai, Checoslováquia, Iugoslávia, Israel, Japão, México, Alemanha, Áustria, Suíça, Holanda, Bélgica, Noruega, Suécia, Dinamarca, Finlândia, Islândia, Itália, Irlanda, Inglaterra, Polônia e África do Sul.

* Texto publicado originalmente em: **Quem Tem Medo de Virginia Woolf?** [São Paulo, Teatro Cacilda Becker - 1965]. [p. 11]. Programa de espetáculo.